XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

QUANDO O BOATO ADOECE: DESINFORMAÇÃO DIGITAL, DESASTRES CLIMÁTICOS E SAÚDE DE POPULAÇÕES VULNERABILIZADAS

Sulamita Vasconcelos de Matos Lima[1]

Introdução

Os desastres associados a eventos climáticos extremos podem pressionar serviços de saúde e ampliar vulnerabilidades já existentes, especialmente quando comprometem o acesso, a continuidade do cuidado e a capacidade de resposta em territórios afetados (Brasil, 2024). No Brasil, as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul ilustraram essa relação: entre abril e julho, os casos confirmados de leptospirose passaram de 117, em 2023, para 1.007, em 2024, evidenciando repercussões epidemiológicas relevantes após o evento extremo (Diefenthaeler *et al*., 2026).

Em emergências, informação confiável também integra a proteção da saúde. Alertas, orientações sobre água segura, prevenção de doenças, rotas de evacuação e localização de serviços dependem de comunicação rápida e compreensível. Entretanto, redes sociais e aplicativos de mensagens podem acelerar a circulação de conteúdos falsos ou enganosos. Revisão narrativa de Hilberts *et al*. (2025) mostra que a desinformação em desastres naturais pode aumentar confusão, pânico e desconfiança, distorcer a percepção do risco e dificultar respostas emergenciais.

Esse problema não se distribui igualmente. Desigualdades sociais e territoriais, limitações de acesso a canais confiáveis e diferentes capacidades locais de comunicação podem dificultar a avaliação de informações e o acesso oportuno às orientações de saúde (Marchezini *et al*., 2026). Assim, este estudo parte da seguinte questão: como a desinformação digital, em contextos de desastres climáticos, interfere na proteção da saúde de populações vulnerabilizadas e que respostas podem ser estruturadas no cuidado e na organização dos serviços do Sistema Único de Saúde?

[1] Enfermeira. Graduada em Enfermagem. Mestranda no Mestrado Profissional em Meio Ambiente e Saúde do Centro Universitário UninCor. E-mail: sulamitamatos24@gmail.com.

Objetivo

Examinar, na literatura científica e em documentos institucionais recentes, como a desinformação digital em contextos de desastres climáticos pode interferir na proteção da saúde coletiva, com atenção às desigualdades que ampliam riscos para populações vulnerabilizadas e às práticas de cuidado e comunicação no contexto do Sistema Único de Saúde.

Métodos

Trata-se de revisão narrativa da literatura, orientada pela interface entre saúde, desastres, vulnerabilidade e comunicação digital. Foram considerados artigos científicos e documentos institucionais publicados entre 2024 e 2026. As buscas consultaram PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde e foram complementadas por consulta dirigida a periódicos científicos e páginas oficiais da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde. Utilizaram-se combinações dos termos desinformação, desastres naturais, mudança climática, infodemia, vulnerabilidade social e cuidado em saúde, em português e inglês. Priorizaram-se fontes diretamente relacionadas à desinformação, resposta a emergências, impactos à saúde, comunicação de riscos, desigualdades ou organização do cuidado. A seleção foi intencional e temática, compatível com o caráter narrativo da revisão, sem pretensão de exaustividade. O material foi organizado em três núcleos: impactos sanitários dos desastres, amplificação informacional do risco e estratégias de comunicação e cuidado em emergências.

Resultados e Discussão

Os estudos analisados indicam que os efeitos dos desastres não se limitam ao momento do evento. No estudo de Diefenthaeler *et al*. (2026), as enchentes no Rio Grande do Sul foram acompanhadas por aumento expressivo de leptospirose, especialmente nas semanas posteriores à inundação. O achado reforça a necessidade de comunicação sanitária oportuna e continuidade do cuidado após a fase aguda, quando permanecem riscos relacionados à água contaminada, à limpeza de áreas alagadas e à interrupção de serviços. No âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Nota Técnica nº 19/2024 do Ministério da Saúde também orientou acesso, acolhimento, identificação, cadastramento e busca ativa de pessoas em situação de vulnerabilidade durante as enchentes, evidenciando a importância de respostas assistenciais organizadas e proativas (Brasil, 2024).

Nesse cenário, a desinformação pode funcionar como fator adicional de vulnerabilidade. Hilberts *et al*. (2025) identificaram, em revisão sobre desastres naturais, que conteúdos falsos e não verificados podem ampliar confusão e desconfiança, alterar a percepção da gravidade do evento, prejudicar decisões de autoproteção e desviar atenção e recursos da resposta emergencial. Para os serviços de saúde, isso significa que a comunicação confiável precisa integrar o cuidado em situações de crise, especialmente quando usuários dependem de orientações rápidas para decidir quando, onde e como buscar atendimento.

A vulnerabilidade informacional pode se sobrepor à vulnerabilidade social. No Brasil, a Nota Técnica nº 19/2024 do Ministério da Saúde orientou acesso, acolhimento, identificação, cadastramento e busca ativa de pessoas e populações em situação de vulnerabilidade durante as enchentes no Rio Grande do Sul, reforçando respostas proativas e orientadas pela equidade (Brasil, 2024). Nessa perspectiva, comunicação clara, escuta qualificada, busca ativa e articulação territorial não constituem ações periféricas: integram

práticas de cuidado necessárias para alcançar pessoas que podem enfrentar barreiras de acesso digital, deslocamento, renda ou vínculo institucional.

A comunicação de riscos precisa, portanto, ser entendida como capacidade institucional e não apenas como divulgação de avisos. Marchezini *et al*. (2026), em pesquisa que articulou revisão, documentos governamentais e trabalho de campo em municípios brasileiros, identificaram limitações de recursos, pessoal e capacitação para lidar com desafios contemporâneos da comunicação de riscos, inclusive desinformação em redes sociais e aplicativos de mensagens. Os autores discutem a coexistência de extremos meteorológicos, desigualdades sociais e pressões digitais, apontando a necessidade de fortalecer capacidades locais de comunicação.

Para a saúde coletiva, uma resposta possível é incorporar práticas de manejo de infodemias aos planos de emergência. O *toolkit* operacional da Organização Mundial da Saúde propõe cinco etapas: detecção de sinais, verificação, avaliação de risco, desenho da resposta e aproximação com os públicos afetados (World Health Organization, 2024). O processo inclui corrigir informações falsas, antecipar lacunas informacionais e construir mensagens com participação comunitária. Em vez de depender apenas de desmentidos tardios, a comunicação pode combinar linguagem acessível, canais múltiplos, agentes comunitários e lideranças locais, com transparência sobre incertezas.

Os achados convergem para a compreensão de que a qualidade da informação integra a proteção sanitária e as práticas de cuidado. Um boato isolado não produz necessariamente dano mensurável, e a relação entre desinformação e desfechos de saúde é mediada por contexto, exposição, confiança e comportamento. Ainda assim, quando conteúdos enganosos circulam em ambientes marcados por medo, interrupção de serviços e desigualdades, podem dificultar decisões protetivas e ampliar fragilidades já existentes. Por isso, estratégias de comunicação devem ser planejadas antes do desastre e articuladas à vigilância, à atenção à saúde, à defesa civil e aos fluxos do SUS, com especial cuidado para alcançar grupos que enfrentam barreiras de acesso digital ou institucional.

Conclusões

A revisão indica que desastres climáticos e desinformação digital podem se combinar de modo a ampliar desafios para a saúde coletiva. Eventos extremos produzem riscos epidemiológicos, assistenciais e psicossociais, enquanto conteúdos falsos ou enganosos podem aumentar confusão, reduzir confiança e dificultar decisões de proteção. Esses efeitos tendem a ser mais relevantes quando se sobrepõem a desigualdades de renda, território, conectividade, letramento e acesso a serviços.

A resposta não deve se limitar à correção pontual de boatos. Preparação para emergências exige comunicação de risco integrada à vigilância e ao cuidado, detecção precoce de rumores, mensagens acessíveis, participação comunitária e uso de canais confiáveis. No Sistema Único de Saúde, essas ações podem ser incorporadas às práticas de acolhimento, busca ativa, orientação e acompanhamento dos usuários, fortalecendo a continuidade do cuidado em territórios afetados. Incorporar o manejo de infodemias aos planos de contingência representa, portanto, uma medida de proteção da saúde e de garantia do acesso a informações necessárias para decisões seguras em cenários de crise climática.

Descritores: Desinformação. Desastres Naturais. Mudança Climática. Vulnerabilidade Social.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota Técnica nº 19/2024-CAEQ/CGESCO/DESCO/SAPS/MS**: orientações e diretrizes para o acesso, acolhimento, identificação, cadastramento e atualização do cadastro das populações e/ou pessoas em situação de vulnerabilidade durante o desastre climático e a Emergência em Saúde Pública decorrente das enchentes e inundações no Rio Grande do Sul. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2024/nota-tecnica-no-19-2024-caeq-cgesco-desco-saps-ms.pdf. Acesso em: 18 set. 2026.

DIEFENTHAELER, Bernardo Madeira *et al*. Enchentes no Rio Grande do Sul, Brasil, em 2024, e seus efeitos na epidemiologia da leptospirose. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, e00111125, 2026.

HILBERTS, Sonya; GOVERS, Mark; PETELOS, Elena; EVERS, Silvia. The impact of misinformation on social media in the context of natural disasters: narrative review. **JMIR Infodemiology**, [s. l.], v. 5, e70413, 2025.

MARCHEZINI, Victor; SAMPAIO, Monique Ribeiro Polera; ODA, Paula Sayeko Souza; COTTING, André Luiz Martins; DIAS, Karolina Gameiro Cota. Capacidades organizacionais de comunicação de riscos de desastres na era dos extremos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [s. l.], v. 67, p. 241-266, 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Regional Office for Europe. **Managing false information in health emergencies: an operational toolkit**. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2024. Disponível em: https://www.who.int/europe/publications/i/item/WHO-EURO-2024-8271-48043-71198. Acesso em: 18 set. 2026.

Utilização da Inteligência Artificial Generativa

Foi utilizada inteligência artificial generativa como apoio à revisão textual e à legibilidade do trabalho, sem utilização para produção de dados.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.